

ser espaço-tempo

Onde encontramos o trabalho de Cristina Ataíde quando o queremos localizar no mapa da arte actual? Olhando para o seu conjunto (a sua evolução desde os anos de 1980; mas, principalmente, para o seu corpus de trabalho desde a década de 90 e primeira década deste século) parece ser impossível representá-lo num lugar ou território definido. Esse trabalho surge, antes, como multiplicação de acontecimentos, não apenas porque recorre a uma multiplicidade de linguagens mas porque se situa em simultâneo (ou em deriva) em vários locais do mapa imaginário onde os produtos da criação artística actual se confrontam e misturam com todas as outras dimensões da vida humana e natural.

A multiplicação de que falamos justifica-se pela simples nomeação das disciplinas desenvolvidas pela artista (escultura, instalação, desenho, fotografia, performance...) mas transforma-se de simples multiplicação de linguagens em algo de mais complexo: numa deriva de eventos no espaço e no tempo. Tal acontece, primeiramente, porque Cristina Ataíde faz coexistir nos mesmos trabalhos ou exposições, complementando-os entre si, diferentes modos de fazer (de fazer ver); mas, principalmente, porque, negando o mero efeito cumulativo dessa multiplicação discursiva, ela explicita a memória (o que a memória constrói) como cerne do seu trabalho, afirma-a como centro da própria prática artística, como seu recurso necessário e suficiente. E as memórias, essa matéria que alimenta os trabalhos, que se forma em redor de acontecimentos e dos objectos concretos, que lhes sobrevive, que os substitui que os subjectiviza, existe e desloca-se sem exterior, no espaço e no tempo, como um objecto/ser, vai-se acrescentando ou diluindo, alterando-se e alterando. Alimentando-se ela mesma da deslocação (da viagem), do estranhamento (viagem a culturas que lhe são exteriores) tornado identificação (desejo de compreensão dessas mesmas culturas) - a artista existe em acção no tempo e no espaço.

Referimos acima o conceito de performance. Devemos esclarecer que, no contexto da obra plástica de Cristina Ataíde, o entendemos de um modo abrangente e genérico (idêntico ao modo como entendemos toda a acção de produção material por parte de um artista no seu atelier ou fora dele) e, no caso de Cristina Ataíde, como forma de intermediação entre a produção de atelier e a exposição. Parte significativa do trabalho de Cristina Ataíde, em parte devido ao seu modo viajante, situa-se fora das paredes do seu estúdio, com obras (ou partes de obras) construídas em contextos naturais ou urbanos, resultantes da recolha e incorporação de materiais naturais ou transformados pela acção humana. Há, nesse trabalho de exterior ou a partir do exterior, importantes momentos de acção performativa (muitas vezes assistida ou participada por população dos locais urbanos onde intervém outras vezes resultando de acções/deslocações solitárias na natureza) que, só indirectamente se reflectem nas obras apresentadas em contexto expositivo, mas que, de modo directo, influem no seu significado.

O trabalho de Cristina Ataíde é solitário, embora muitas vezes preparado em público ou recebendo os seus contributos, é de si, do seu corpo no espaço social e cultural (das contradições entre o que pensa e o que sente, entre o que sabe e o que deseja), que esse trabalho parte. Mas, por isso mesmo, é também um trabalho solidário, na medida em que considera (incorpora) a realidade social e cultural onde intervém e de onde colhe influências e na medida em que pretende oferecê-la aos públicos como leitura poética transformadora. O seu trabalho é feminino e historicamente determinado, na medida em que, partindo de si, parte do corpo e da mente de uma mulher concreta. Mas, afastando-se de toda a deliberação militante, é também universal, ao considerar a possibilidade de aplicação poética do seu discurso a uma intencionalidade que, embora de fundo humanista, manifesta uma ambição global e cosmológica.

Material essencial da sua acção artística, para além desse seu corpo que trabalha (actua) e posa (no sentido alargado de ser o corpo que serve de modelo aos seus temas), é a palavra. Palavra que, sendo fisiologicamente determinada (projectada como som/registada como escrita) é, principalmente, manifestação mental desse mesmo corpo, que lhe permite manifestar-se como coisa individual (há recolhas suas de materiais/testemunhos colectivos que são determinados pela lógica de dar a cada corpo a sua palavra). A linguagem, pertence a um sistema autónomo que ultrapassa o individual, existe como realidade humana, histórica mas universal - e o recurso à palavra acaba por ser, na obra de Cristina Ataíde, testemunho de uma manifestação tão universal como o recurso à imagem figurativa. É através da palavra que a artista concretiza também parte da sua obra na dimensão de acção realizada (performativa) ou pensada (desejada). É ainda através dela que a artista concretiza as modalidades da sua relação alargada com o mundo ao assimilar-se, num continuum frásico de intenção infinita (similar a um mantra), ao universo das realidades humanas e naturais. A artista escolhe um único verbo para presidir à longa lista de sentidos que pretende abranger na sua obra. Desdobrado em algumas línguas indo-europeias (como é o caso do português), em duas dimensões ("ser" e "estar") o verbo em questão confere-lhe/nos, na sua dimensão "ser", a possibilidade de afirmar ou estabelecer sem ambiguidades uma posição não apenas física (mas, simultaneamente, física e ontológica) no mundo. Veremos como a palavra "ser" assumindo, o valor de substantivo masculino, merece ainda, em relação ao trabalho de Cristina Ataíde, um comentário.

Ao escrever em texto (organizado em página ou em sucessão linear, falaremos também desta solução formal mais adiante) "sou..." ou "ser..." Cristina Ataíde estabelece uma alternância entre uma afirmação individual e uma orientação colectiva; poderia vir a integrar, potencialmente (na sua obra e como obra sua), todos os substantivos e todos os adjectivos estabilizados pela linguagem humana colocando-se assim no patamar de universalidade que referimos. Porém, a intencio-

nalidade humanística da sua obra, obriga-a a exercer uma acção de censura (melhor diríamos, de cesura ou corte) sobre aqueles significados que considera negativos nas manifestações da nossa humanidade; assim, a artista, conduz a vertigem do seu desejo de "ser tudo" para uma dimensão em que o confessional se torna manifestação de uma vontade de aperfeiçoamento e elevação moral e ética, estética e política, pessoal e interpessoal.

Estabelecendo a sua identidade em relação ao que a rodeia e a uma acção a que se associa Cristina Ataíde relativiza o valor substantivo do termo "Ser"; por isso, o modo empírico como se interessa pelas culturas orientais permite-nos explorar, no seu trabalho, a dimensão de esvaziamento da vontade e de renúncia ao mundo que as determinam como sendo um desvio artisticamente produtivo da dicotomia existencialista entre Ser e Nada.

Outros elementos essenciais ao entendimento da obra de Cristina Ataíde são os materiais propriamente ditos (de origem biológica, animais e vegetais, ou geológica, metais e pedras) que a artista fisicamente integra ou transforma (manufatura) ou figurativamente representa nas suas obras. Uns complementam os outros, do mesmo modo que se articulam ainda com a palavra (usada para os potenciar poeticamente) e alguns outros resultam, em muitos casos, das referidas acções performativas da artista: recolhas e intervenções realizadas a partir do corpo (séries de ex-votos em cera com órgãos e membros humanos; série de corações animais conservados em formol) e da (e na) paisagem natural ou urbana; uso de materiais transformados pelo trabalho manual ou mecânico (fundição de bronzes, talhe da madeira, uso de papéis de fabrico manual, corte e afeiçoamento escultórico da pedra); representação de paisagens ou registo "directo", por frottage, dessas paisagens (a diversidade das texturas dos chãos e paredes urbanas ou a multiplicidade de texturas das pedras, terras, areias, ervas e flores, madeiras que a natureza oferece ao caminhante).

A parte (a pedra, o coração ou a flor) e o todo (a montanha, o corpo ou a ilha, que é também uma montanha) correspondem-se, estabelecem a tensão de escalas que se joga entre o território e o mapa, entre o caminho andado e a planta desse caminho. A palavra, às vezes isolada mas quase sempre em forma de lista de coisas pensadas (vistas ou a ver, feitas ou a fazer), unifica muitas destas séries e revela nelas um sentido muitas vezes diarístico/confessional. De facto, nada é feito em abstracto (fora de um espaço-tempo) no trabalho de Cristina Ataíde, resultando sim de continuados momentos de reflexão, preparação, testemunho e de novo reflexão sobre o que a rodeia, o que projecta realizar, o que viu e o que experimentou. Cristina Ataíde é uma viajante verdadeira, a sua obra releva essa paixão e existe, cada vez mais, em função dela.

Paisagens e culturas exteriores (a Ásia do subcontinente indiano, da Indochina ou da China e a África do Norte) ou cuja exterioridade se manifesta como marginalidade dentro do sistema ocidental (os Açores) servem-lhe para se/nos confrontar com um desejo de fusão, diluição de contrários e de intemporalidade. O modo como transfere essa poética para a paisagem agressiva das cidades (Nova Iorque, S. Paulo, Lisboa) dá-nos a medida da sua estratégia de intervenção. Fiel à tradição de empenhamento directo (que a ideia da viagem e a ideia de acção performativa complementam) Cristina Ataíde trabalha sempre sobre os locais por onde passa ou onde se estabelece mais longamente. Assim, além do que recolhe, realiza e recria no decurso das suas viagens "exteriores" força-se a encontrar nas cidades (onde tem o seu atelier, onde existem os museus e as galerias com que trabalha) tudo o que encontra no resto do mundo, nem que nas cidades se manifeste de um modo inverso (ruidoso, violento, desligado). Mas é ao prescindir do chão das cidades que a artista realmente encontra o (seu) mundo: as águas e as lamas dos rios, as flores e as folhas das florestas e dos jardins, as pedras dos caminhos das montanhas, os reflexos na água dos lagos e rios ou os brilhos nos céus nocturnos, o pó e as cores dos pigmentos puros, o equilíbrio entre a vida e

a morte. Se as listas de picos e montanhas a que subiu e a que desejaria subir (indicadas nos seus desenhos com as referências geográficas e de altitude) se estabelecem como meta pessoal (onde experiência e desafio físico do corpo e a prova de purificação da mente poeticamente se completam), a listagem dos locais e dos valores de combate suscitados pelas paisagens urbanas e registados sobre as frottages desses espaços estabelecem-se como testemunho pessoal de uma atenção política e social que ela deseja possa representar a face da outra realidade humana, aquela a que ela (artista ocidental e integrada num sistema ocidental de valores) inelutavelmente pertence.

Ao viajar (ou ao trabalhar sobre o desejo de viajar) Cristina Ataíde trabalha sobre o que vê, sobre o que deseja ver e sobre o que presente (ou prevê), sobre o que encontra e sobre o que se esconde (ou se eclipsa) da nossa visão. O processo de fixação dessas experiências estabelece o que designámos como deriva de linguagens, de tempos e de espaços: para ela escrever é como desenhar e desenhar é uma escrita. Sob (ou com) uma dominante de cores (os brancos, os vermelhos e, ainda, os negros), recorrendo maioritariamente ao papel e à pedra (especialmente ao mármore) como suporte, usando o livro como elemento (tema/forma/suporte) metafórico complementar, controlando (ritualizando) os gestos de atelier e a gestão das matérias (deixando embora, muitas vezes, o acaso intervir na dispersão das tintas sobre os suportes) Cristina Ataíde obtém formas planas (por deposição, pressão ou decalque de matérias), formas lineares (controlando o risco dos lápis) e ainda formas circulares, em jogos de forma e de fundo: fundos totalmente preenchidos de cor, formas lineares percorrendo um fundo ou formas em expansão/dispersão, a partir de um ponto (círculo) central, sobre os fundos.

Dentre estas três realidades formais, que a linguagem artística do modernismo isolou desde Malevitch (o plano preenchido, ou figura geométrica plana, o círculo e a linha, podendo esta existir isolada ou como cruzamen-

to de linhas) Cristina Ataíde dá um valor especial (que alcança segundo múltiplas soluções formais) à linha. Em princípio, nada pode surgir como mais contrário à representação do espaço e do tempo não-euclidianos (que dominam o actual pensamento científico) do que a linha, com a sua imagem de continuum (precisamente linear...), definindo mas simplificando as formas (de que pode surgir como contorno) - de novo aqui estamos no ponto oposto à ideia contemporânea dos fractais. Mas é exactamente munida deste instrumento de representação essencial (a linha do lápis, a linha do traçador, a linha materializada no cordel, a sucessão linear das palavras escritas na parede ou no papel) e da riqueza metafórica que ela lhe permite, que a artista vai colocar a sua obra no espaço-tempo. Se a linha como conceito e como matéria visual é um modo de organizar o mundo, Cristina Ataíde rapidamente percebe que necessita de muitas linhas para cumprir essa tarefa; tantas, que a linha original se transforma em rede; tantas, que a linha pode ser feita de muitas matérias: já vimos a materialização dos fios (mas também das fitas), a abstracção do risco no papel ou na parede, a marcação na pedra; já relevamos o facto da artista usar a palavra como linha escrevendo-a numa solução de encaideamento (alinhamento, cadeia, sequência) de palavras (num livro ou numa parede) que funcionam como manifesto, testemunho, depoimento, mantra... A consciência, por parte da artista, da precaridade do mundo (que o material de trabalho e os gestos e as opções conceptuais de cada obra incorporam), torna-se muito evidente nos desenhos onde a linha se estabelece como eixo visual da imagem (vertical e central, agregador e divisor). Vejamos, primeiro, essa linha é obtida não por traço de lápis, não colagem mas por ausência de camada cromática (a linha (cordel) é levantada depois de todo o papel ter sido coberto de pigmento); mas, mais significativamente, o seu curso é interrompido – a linha está quebrada, desencontrando-se as duas partes que percorrem verticalmente a superfície; quebrada como a vida se quebra, como a palavra se interrompe, como a visão se oblitera; em contrapartida, é essa falha que permite que as duas metades da superfície que ela dividia comuniquem entre si...

Na sequência e como enquadramento de tudo o que foi levantado como material/tema de trabalho de Cristina Ataíde, teremos finalmente que referir de modo explícito a questão essencial do espaço e do tempo na sua obra. Há, na observação desta realidade relevante, uma verdade genérica que se aplica a toda a obra de arte, a toda a obra humana e a toda a realidade natural: as coisas (como as ideias, como os seres) existem e transformam-se, são apreendidas e compreendidas, num espaço e num tempo concretos por quem se encontra também num espaço num tempo concretos. Ou seja, nada existe independente do movimento nem do tempo em que é observado, interpelado, transformado. Em vez de objectos (seres) estabelecidos e observados em/a partir de lugares euclidianos (a três dimensões) devemos pensar em acontecimentos no espaço (pensar num “onde” e num “quando”) - a obra de Cristina Ataíde ajuda-nos a pensar assim.

Vejamos como os exemplos concretos de algumas séries apresentadas nesta exposição podem (empiricamente) colocar-nos na pista (na necessidade) de entender a sua obra dentro destes parâmetros. Temos uma série de desenhos, realizados como planos sobrepostos, em estratificações e transparências de cor e de escrita, marcados pela presença central de uma linha e desregulando a possibilidade de estabelecerem simetrias com os planos lisos de pedra colocados no chão onde se regista a marcação de uma linha. Temos o registo da cidade (neste caso, momentos e lugares obtidos/registados por frottages em ruas de Lisboa distantes entre si). Tudo surge montado como um panorama antigo, mas o que nos devolve é uma realidade fragmentária e nunca uma totalidade. Temos ainda os exercícios de libertação da matéria do desenho através de várias séries de imagens “celestes”: nos buracos negros ou manchas de luz branca (negativos e positivos das mesmas coroas solares de eclipses, simulados aqui por tintas propositadamente líquidas em luta com a gravidade terrestre e a capilaridade dos papéis) e na construção de um livro cujas folhas serviam realmente de registo à observação das estrelas pelos astrónomos. Finalmente, duas peças conclusivas: uma linha de pala-

vas, percorrendo as paredes da galeria, justifica o título da exposição (“ser linha ser”), estabelecendo o que já vimos como desejo de pluralidade identitária da artista e remetendo para uma lógica, simultânea, da obra como manifestação de infinito e de non finito; e um conjunto de desenhos com colagem de flores pisadas, resultado de uma acção de duplo sentido: observação de uma procissão de monges budistas caminhando sobre um extenso tapete de flores depositadas pelos fiéis, recolha de algumas dessas flores para realização de uma obra capaz de transferir o sentido poético de religação entre a natureza e a humanidade, o sagrado e o profano, o tempo e o espaço, o Ser e o Nada.

Regressamos então ao conceito de Ser que, no trabalho de Cristina Ataíde, assume o sentido de identidade. Mas é de uma identidade múltipla que falamos – vimos em que medida a artista ambiciona a dimensão subjectiva de ser e de poder “ser tudo” – e não de uma identidade estática. A sua “maneira de (poder) ser” resolve-se, portanto, como exploração de uma pluralidade de modos de pertença ao mundo, numa experimentação que a conduz às dimensões contraditórias da conquista ou transformação desse mundo, da colagem ou incorporação nesse mundo e ainda, embora em graus de explicitação menos evidentes, da fuga ou renúncia, da diluição ou dispensa ascética desse mesmo mundo. De facto, a obra de Cristina Ataíde é maioritariamente celebratória, exalta a alegria de ser (estando) no mundo. Mas subjaz, a essa alegria maior, uma nostalgia, um sentido e um sentimento de perda que cada obra (imagem/palavra) pretende exorcizar: a recordação das paisagens, a recordação do corpo, a recordação dos rituais do corpo – é exactamente aqui que temos que retomar a ideia da memória como outro dos eixos do seu trabalho.

O que recorda a artista? A sua história. Mas também a história dos outros: das mulheres, dos que a rodeiam, das mulheres que conhece, das culturas que lhe importam, das paisagens (sempre humanizadas quer pela representação simbólica que delas fazemos quer pela intervenção real do Homem na natureza). Como faz a

artista esse exercício de rememoração? Observando e alterando, recuperando e mudando, manipulando poeticamente elementos diversos (muitas vezes uma coisa levando ao seu contrário), esquecendo o acessório ou sobrepondo várias realidades.

O trabalho de Cristina Ataíde, a partir da energia positiva que o determina, coloca-nos num campo em que a nostalgia da evocação conduz à magia da convocação. A necessidade e a ritualização dessa convocação do mundo está no cerne da sua obra; e a palavra, como a imagem representativa, são os recursos que usa para enfrentar a violenta diferença de escalas entre a representação microcómica que a arte nos fornece e a realidade macrocómica que, em vão, pretendemos abranger ou compreender. As escolhas, no seu trabalho, não são tanto tarefas de exclusão mas de distinção (embora, às vezes, também, de fusão): por exemplo, entre o alto e o baixo, a natureza e o humano, o céu e a terra, entre o bem e o mal, entre a precaridade e a duração, entre o eu e os outros...

O discurso fragmentário da sua obra é de comentário e ilustração. Como discurso verbal pode conceber-se resultando da sobreposição entre um saber arcaico (que classifica o mundo) e um saber experiencialista (que experimenta o mundo). Entre estes dois tempos históricos da razão ocidental a ideia de desejar conhecer o que nos é exterior (estar perto do que nos é diferente) predomina no trabalho de Cristina Ataíde – para além do tom mágico referido, temos assim a encenação diáristica e reflexiva de um trabalho de naturalista e viajante. O seu trabalho é memória e poesia: imagens de silêncios pensadas contra o Silêncio, imagens de desertos feitas contra o Deserto.

*João Pinharanda
Lisboa, 24 de Junho 2015*